

## “GÍRIA PORTUGUESA” E BRASILEIRISMOS NOS INÍCIOS DO SÉCULO XX: O DICIONÁRIO DE ALBERTO BESSA

“PORTUGUESE SLANG” AND BRASILIAN WORDS AT THE BEGINNING OF THE 20th CENTURY: THE DICTIONARY OF ALBERTO BESSA

LA “JERGA PORTUGUESA” Y LOS “BRASILEIRISMOS” EN LOS INÍCIOS DEL SIGLO XX: EL DICCIONARIO DE ALBERTO BESSA

*Maria Filomena GONÇALVES\**

**Resumo:** Neste artigo analisamos um *corpus* extraído de “A gíria portuguesa. Esboço de dicionário de ‘calão’”, obra publicada em 1901 por Alberto Bessa (1861-1938), jornalista e escritor português. O nosso *corpus* reúne 365 palavras e expressões que apresentam a marca “brasileirismo” (braz.) naquele dicionário. Bessa baseou-se em fontes escritas (antigas e modernas) – livros e jornais –, levando igualmente em consideração a “tradição oral”. O objectivo deste trabalho é analisar aquelas unidades para verificar quais são, até aos nossos dias, realmente distintivas do Português Brasileiro. Com este propósito, as palavras e expressões foram organizadas de acordo com os campos semânticos mais representados e, por outro lado, foram examinadas em função da sua tipologia (unidades simples, compostas, expressões fraseológicas). Do mesmo modo, foram identificados e analisados os brasileirismos de origem africana e indígena. Os dados do *corpus* foram confrontados com a lexicografia portuguesa e brasileira, de maneira a ser determinada a vitalidade dos brasileirismos assinalados por Bessa nos inícios do século XX.

**Palavras-chave:** Gíria portuguesa; Brasileirismos; Gíria brasileira; Lexicografia; Fraseologia.

**Abstract:** This article focuses on the analysis of a *corpus* compiled from *A gíria portuguesa. Esboço de um dicionário de “calão”*, published in 1901 by Alberto Bessa (1861-1938), a Portuguese journalist and writer. The *corpus* is constituted by 365 words and phrases that are identified as Brazilian (“braz.”) in this dictionary, which is based on written sources (old and modern) – books and newspapers – and on “oral tradition”. The analysis conducted aims at examining which of those units have been characteristic of Brazilian Portuguese as yet. To achieve this purpose, the words and phrases were grouped according to their most represented semantic fields and

---

\* Departamento de Linguística e Literaturas da Escola de Ciências Sociais, na Universidade de Évora. Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora/Fundação para a Ciência e Tecnologia CIDEHUS-UÉ/FCT – Évora - Portugal. Contato: mfg@uevora.pt.

analysed according to their typology (e.g. simple and complex units, phraseology). Similarly, the “brasileirismos” (Brazilian words) of African and indigenous origin were also identified and analysed. The data selected were compared to the Portuguese and Brazilian lexicography in order to determine the vitality of the “brasileirismos” listed by Bessa at the beginning of the 20th century.

**Keywords:** Portuguese slang; Brazilian word; Brazilian slang; Lexicography; Phraseology.

**Resumen:** En este artículo analizamos un *corpus* extraído de “A gíria portuguesa. Esboço de dicionário de ‘calão’”, obra publicada en 1901 por Alberto Bessa (1861-1938), periodista y escritor portugués. El *corpus* reúne 365 palabras y expresiones que presentan la marca “brasileirismo” (*braz.*). Basado en fuentes escritas (antiguas y modernas) –libros y periódicos–, Bessa también atendió a la “tradicción oral”. El objetivo de este trabajo es analizar esas unidades para averiguar cuáles de ellas son realmente distintivas del portugués brasileño hasta nuestros días. Con este propósito, las palabras y expresiones fueron organizadas según los campos semánticos más representados y, por otro lado, fueron examinadas en función de su tipología (simple, compuestas, fraseológicas). Fueron identificados y analizados, asimismo, los “brasileirismos” de origen africano e indígena. Los datos del *corpus* fueron contrastados con la lexicografía portuguesa y brasileña para determinar la vitalidad de los “brasileirismos” señalados por Bessa en los inicios del siglo XX.

**Palabras-clave:** Jerga portuguesa; “Brasileirismos”; Jerga brasileña; Lexicografía; Fraseología.

## Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar um *corpus* extraído da obra intitulada “A gíria português. Esboço de dicionário de ‘calão’”, publicada em 1901 por Alberto Bessa, jornalista e escritor português que compilou palavras e frases pertencentes àquelas formas de variação linguística. Dada a natureza do fenómeno em causa no dicionário de Bessa, torna-se necessário clarificar os conceitos associados aos dois termos presentes no título – gíria e calão –, para se determinar se nos inícios do século XX estes teriam as acepções recolhidas na lexicografia atual. A partir da conceptualização e dos pressupostos decorrentes dos estudos da variação linguística e da sociolinguística, nos parágrafos seguintes elucidam-se o conceito atual de gíria e de calão, para depois se passar em revista algumas das antigas definições lexicográficas daquelas palavras.

É hoje consensual que o termo “gíria” pertence ao âmbito do que se conhece como variação social, recebendo acepções que têm em comum o facto de atenderem ao fator “grupo social”. Com efeito, como denominação das variações linguísticas associadas à especificidade técnica ou sócio-cultural de uma profissão ou uma atividade (a gíria estudantil, por ex.), gíria equivale a “jargão”<sup>1</sup>, mas designa igualmente os usos linguísticos de um grupo que cultiva, deliberadamente, o hermetismo (a gíria dos ladrões, por ex.). Embora os leigos vejam na linguagem técnica uma “gíria”, a verdade é que as “linguagens técnicas” (ou “tecnolectos”) e as gírias não devem confundir-se, visto estas serem “códigos forjados por determinados grupos com o objetivo de se tornarem completamente ininteligíveis para os não iniciados” (FERREIRA *et al.*, 199X, p. 281), implicando por isso “modificações no léxico ou na configuração ou ordem das sílabas para que os enunciados se tornem incompreensíveis”<sup>2</sup>, ao passo que aquelas (as linguagens técnicas), que não procuram voluntariamente o hermetismo, se caracterizam por possuírem um conjunto de termos próprios, vale dizer, uma “terminologia”. Também é de evitar a confusão entre gíria e “calão”, ainda que as obras lexicográficas não raro remetam de um termo para o outro<sup>3</sup> –, criando no consulente a ideia (errónea) de uma total equivalência sinonímica, quando o “calão”, na verdade, se inclui entre os “registos” ou “níveis” linguísticos porque depende quer da situação discursiva, quer de aspectos pragmáticos. A gíria situa-se, pois, na esfera “diastrática” ou “sociolectal”, enquanto que o calão é manifestação da variação disfásica ou “idiolectal”. Porém, como “gíria” também pode denominar um “registo informal”, que se distingue por possuir um “vocabulário rico em idiomatismos metafóricos, jocosos, elípticos, ágeis e mais efêmeros que os da língua tradicional” (HOUAISS, 2001), a remissão lexicográfica da gíria para o calão (ou vice-versa), é compreensível,

---

<sup>1</sup> Provém do francês antigo “jargon”. Houaiss (2001) define-o como um “código linguístico próprio de um grupo sociocultural ou profissional com vocabulário especial, difícil de compreender ou incompreensível para os não-iniciados; gíria” e como “linguajar destinado a não ser entendido senão por um grupo, em especial o que adota determinadas convenções”.

<sup>2</sup> Em Portugal, o *laínte*, gíria dos antigos vendedores ambulantes de Castanheira de Pera, é um caso de gíria nessa acepção (FERREIRA, 1985).

<sup>3</sup> Em Houaiss (2001), calão tem a acepção de “linguajar rude, grosseiro”, remetendo depois geringonça, gíria”, sem qualquer marca específica.

conquanto o segundo termo comporte uma conotação pejorativa – linguagem grosseira e rude<sup>4</sup> –, traço que não é necessariamente partilhado pelos termos da gíria.

Feitas as precisões conceptuais, importa igualmente passar em revista os antecedentes do registo lexicográfico da unidade “gíria”, assim como o tipo de palavras ou expressões por ela abrangidos.

Segundo Houaiss (2001), “gíria” tem a primeira atestação nos “Apólogos Dialogais” (1649-1666), de D. Francisco Manuel de Melo; contudo, o primeiro registo lexicográfico dever-se-á a D. Rafael Bluteau (1638-1734) que, além de incluir aquela palavra na nomenclatura do “Vocabulario Portuguez, e Latino” (1712-1721), oferece 44 exemplos<sup>5</sup>, alguns dos quais ainda ocorrem no dicionário da gíria publicado por Alberto Bessa em 1901.

No século XVI, a gíria era conhecida como “germania”, palavra oriunda da língua espanhola na qual denominava a “irmandade de corporações de Valencia e Maiorca, existente durante a guerra que promoveram contra os nobres”, passando a significar, por extensão, um “conjunto de rufiões, ladroagem” (HOUAISS, 2001), sendo também referida como “geringonça”<sup>6</sup>. A partir do século XVII, ambas as palavras foram substituídas por gíria, se bem que este vocábulo continuasse associado à expressão linguística de indivíduos praticantes de atividades pouco respeitadas pela sociedade ou, mesmo, de delinquência, consoante se desprende das definições seguintes: “linguagem de marotos” (BLUTEAU, 1713, IV, p. 75), “de marotos, ou brejeiros” (MONTE CARMELO, 1767, p. 613); “dialecto” (i.e. variedades social) usado em Lisboa entre os “homens a que chamaõ de

---

<sup>4</sup> Esta conotação é reforçada quando se trata de “baixo calão”, expressão que designa uma linguagem particularmente grosseira ou obscena.

<sup>5</sup> Algumas dessas palavras remontam à “germania” do século XVI e XVII, consoante nos informa Adolfo Coelho (1892, p.93) em estudo sobre a história do calão. Segundo este filólogo, “artife” (i.e. pão), “calcorrear” (i.e. correr), “calcos” (i.e. sapatos), “cria” (i.e. carne), “falso” (i.e. lenço), “justa” (i.e. casaca), “marca” (i.e. puta), palavras indicadas por Bluteau, pertencem à germania.

<sup>6</sup> Segundo Houaiss (2001) é uma “linguagem vulgar, informal; calão, gíria”. Em 1848, Perestrelo da Câmara (1810-1854), natural da Ilha da Madeira, referia-se a “barbara geringonça” como “linguagem ininteligível, corrupta, algaravia. Dialecto, gíria ou germania convencional, de ciganos ou ladrões, para se entenderem entre si” (CÂMARA, 1848, p. 78).

ganhar”<sup>7</sup> (ARGOTE, 1715, p. 300). A definição de Argote é relevante porquanto parece circunscrever o fenómeno à capital do reino, o que permite concluir que, já em Setecentos, devido à variedade demográfica e à dinâmica social das urbes, a gíria era um fenómeno de cariz urbano.

Às 44 palavras e expressões da gíria portuguesa arroladas por Bluteau, o ortografista Monte Carmelo (1767, p. 613) acrescentou novas unidades, a saber: *Arames* (Espada), *Calmar* (Espancar), *Galga* (fome), *Gizar* (Furtar). *Ganchorra* (Mão), *Giropa* (Caldo), *Minas de caroço* (Muito, ou muita fazenda), *Rafa* (Fome), *Rafar* (Sumir, Furtar), *Rifar* (Furtar), *Safar* (Sumir, ou Furtar), *Surrar* (Furtar). Destas unidades, sobressaem as quatro últimas, as quais, por serem equivalentes de “furtar”, atestam a íntima conexão entre a gíria e as atividades de certos grupos sociais. Curiosamente, duas das unidades apontadas por Bluteau (1713, p. 75) – *purrio* (bêbado) e *rustir* (comer) – têm, no rol de Alberto de Bessa, marca de “brasileirismo” (cf. 2).

Segundo Morais Silva (1813, p. 88), cuja definição de “gíria” (ou “gira”) amplia as anteriores, esta era a “linguagem de garotos, siganos, e ladrões, pella qual elles se entendem, usando de termos inventados, ou dando novo sentido aos usuáes”. Na 9ª edição do Dicionário de Morais<sup>8</sup>, que não está datada mas será de finais do século XIX, aos grupos sociais anteriores acrescentam-se os “vadios”; “Germânia, calão, gira” são apontados como equivalentes da palavra gíria e, o que é mais relevante, já sublinha que muitos dos seus “termos estão hoje introduzidos na linguagem comum popular e alguns vão neste Diccionario com a designação de plebeus” (p. 96). No mesmo período, Adolfo Coelho (s.d., p. 701), definindo gíria como a “linguagem usada por ladrões, e fadistas, etc.”, fazia corresponder esse termo à “phraseologia particular de uma profissão ou arte”, vale dizer, a uma terminologia específica. Em 1892, o mesmo autor expõe ambas as

---

<sup>7</sup> A fala dos ciganos recebe a mesma designação: “E assim também os Siganos tem outra espécie de Gíria, porque se entendem huns com os outros” (ARGOTE, 1725, p. 300).

<sup>8</sup> Da 8ª edição (1890, p. 96), consta apenas o seguinte: “O mesmo que gira§ fig. Circumlocução affectada, no discurso. § (t. vulgar) || Astucia, malicia, destreza”.

acepções em obra dedicada à língua dos ciganos<sup>9</sup>, esclarecendo o seguinte:

*Calão, gira, gíria* ou *geringonça* são os termos com que em português se designa o vocabulário especial dos criminosos de profissão, fadistas, contrabandistas, garotos e outra gente de hábitos duvidosos, que por aquelle meio buscam não ser entendidos da sociedade geral. Por extensão dão-se ainda aquelles mesmos nomes à terminologia especial de uma classe, de uma profissão licita, e sobretudo ao conjuncto de termos particulares, muitas vezes de character comico, que usam certos grupos sociaes, como os estudantes, os actores, os pintores, ospedreiros, os typographos, os soldados (COELHO, 1892, p. 55).

Este breve excurso histórico em torno da “gíria” permite confirmar que esta palavra, inicialmente reservada à expressão de grupos marginalizados ou discriminados (ladroões, vadios, fadistas, etc.), passou a designar a terminologia própria da atividade de certos de grupos sociais. Ao longo do século XX, estas são, quer no Brasil, quer em Portugal, as acepções registadas em dicionários de referência, como é o caso do “Aurélio”<sup>10</sup> (FERREIRA, 1975, p. 688) e do “Houaiss electrónico” (2001), obra em que o vocábulo “calão”<sup>11</sup>, com

---

<sup>9</sup> De acordo com Preti (2000, p. 59), no Brasil, a influência cigana na formação das gírias terá sido menor do que nas lusas: “Ao contrário de Portugal, pequena foi a influência da língua cigana nesse vocabulário, restringindo-se às primeiras décadas do século XX e, com o passar dos anos, pode-se dizer que, praticamente, desapareceu, em virtude da presença cada vez menor desse povo nas cidades brasileiras. O que se pode dizer é que historicamente há um fundo comum entre gíria portuguesa e brasileira, e o fenómeno, como sempre, é de natureza urbana”.

<sup>10</sup> Aí se encontram as seguintes acepções: “1. Linguagem de malfeitores, malandros, etc., com qual procuram não ser entendidos pelas outras pessoas; calão. 2. Linguagem peculiar àqueles que exercem a mesma profissão ou arte; jargão: a gíria dos artistas.. 3. Linguagem que, nascida num determinado grupo social, termina estendendo-se, por sua expressividade à linguagem familiar de todas as camadas sociais. 4. Palavra ou expressão de gíria: Usa muitas gírias nas conversas: Bacana é gíria. S.m. Bras. Amaz. Aquele que conhece dialetos indígenas”.

<sup>11</sup> De acordo com Houaiss (2001), provém do “cigano *caló* 'preto' e, por designação deles próprios, 'cigano', pelo esp. *caló* (1790, 1800), tomado como se terminasse em *-ón*; da designação dos ciganos, a palavra passou à língua que usavam e depois à gíria; cp. *Calô~2*”

datação de 1873<sup>12</sup>, ainda recebe a definição de “linguajar rude, grosseiro; geringonça, gíria”. Ora, o simples uso do verbo “linguajar”, além de revelar a persistência de um preconceito contrário aos ensinamentos da atual sociolinguística, faz alinhar o dicionário Houaiss, ao menos neste aspecto, com a perspectiva de obras como “O linguajar carioca” (1922), de Nascentes, e o “Linguajar de criminosos e policiais” (1949), de Corialiano Nogueira Cobra (*apud* PRETI, 2000, p. 62).

No que tange à “gíria brasileira”, é de notar que o interesse pelo assunto parece ser diretamente proporcional à crescente repercussão social do fenómeno no Brasil, conforme comenta Dino Preti (2000, p. 62), um dos linguistas que mais se dedicou ao estudo do assunto:

O interesse pelo estudo da gíria cresceu, a recolha de vocábulos se intensificou e, além de dicionários, alguns regionais, misturando falares típicos de certas regiões com vocabulários de grupos sociais restritos, aparecem estudos do fenómeno gírio despojados dos velhos preconceitos, natural consequência, também, das novas correntes lingüísticas, em especial da sociolinguística, com a teoria referente às variações representadas pelos dialetos sociais.

A afinidade entre o significado original “gíria” e a acepção de “calão” fazem com que, pelo menos para os leigos, esses domínios não sejam fáceis de destrinçar, tanto mais que ambos cabem na chamada “linguagem popular”, *lato sensu*, aqui residindo a explicação para o facto de Alberto Bessa incluir esses termos no título do seu dicionário: “A gíria português: esboço de um dicionário de ‘calão’”. Essa “linguagem popular” é profícua em tabus (GUÉRIOS, 1956; PRETI, 1984), eufemismos, assim como em preconceitos e juízos de valor (BAGNO, 1999; TUSÓN, 2003), traços que também estão subjacentes à gíria e ao calão. Refletindo embora o preconceito linguístico do seu tempo, com o seu dicionário Alberto Bessa pretende mostrar que “os termos da gíria são precisos para dar energia e graça ao que se pretende exprimir” (BESSA, 1901, p. 8).

Com este pano de fundo, passamos à análise do contributo de Alberto Bessa para o estudo da gíria portuguesa e, em particular, para o

---

<sup>12</sup> Esta data corresponde ao 2º volume do Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza (1871-1874), de Fr. Domingos Vieira.

conhecimento da gíria brasileira e dos brasileirismos, assinalados pelo autor com a marca de uso “Braz. Brasileiro”.

## **1 Alberto Bessa e a “Gíria Portuguêsa” (1901)**

Para se compreender o valor documental de “A gíria portuguêsã. Esboço de um dicionário de ‘calão’”, importa conhecer, antes de mais, alguns dados biográficos do seu autor, bem como a justificação de um dicionário deste género.

Famoso jornalista da transição do século XIX para o século XX, Alberto Bessa nasceu em 1861 na cidade do Porto, onde viria a fundar e dirigir vários jornais, tendo-se notabilizado igualmente pela fundação da Associação da Imprensa Portuguesa. Morreu em Lisboa, no ano de 1938.

Nas “Palavras Preliminares”, Bessa expõe os motivos que o levaram a compilar palavras e expressões da gíria e do calão:

Desde muito novo me interessaram os estudos das diversas particularidades da língua portugueza, pelas suas origens e pelos seus adágios, provérbios, rifões e anexins, de que penso não haver outra língua que tão larga copia possua. Sob influencia d’esta ideia, de há anos que comecei colleccionando todas s frases e termos que a linguagem popular do nosso paiz emprega frequentemente, com o fim, que sempre suppuz e ainda hoje suponho interessante e útil, de as dar a publico por meio de um dictionario onde, com relativa facilidade, podessem os estudiosos encontrar as diversas significações por mim recolhidas da tradição oral, da consulta de livros de escriptores antigos e modernos e ainda de documentos cuja authenticidade não podesse ser posta em duvida (BESSA, 1901, p. 2).

Bessa assume-se devedor, em especial, do trabalho que o Dr. José Maria de Queiroz Veloso (1860-1852), médico pela Escola do Porto e seu companheiro de atividade jornalística, havia publicado em Novembro de 1890, na Revista de Portugal, sob o título de “A gíria (Vocabulario, etymologia e historia)”, e bem assim do “Diccionario de Vocabulos exquisitos que o uso tem feito admitir, por Aleixo Alonso” (pseudónimo de Salema Garção), saído dos prelos em Lisboa, em 1885. Às palavras e expressões arroladas naquelas e em outras obras, confessa Bessa ter acrescentado muitas mais, duplicando, em certas letras, o

volume dos verbetes. Por outro lado, importa esclarecer que o modelo linguístico vigente em 1901, data da publicação do dicionário de Alberto Bessa, era o “método histórico-comparativo” (GONÇALVES, 2013), cuja aplicação assentava na existência de acervos documentais que, por comparação filológica, permitissem a reconstrução dos estados pretéritos da língua. É neste contexto ideológico que devem ser entendidas as palavras de Teófilo Braga (1843-1924), escritor e político português, no prefácio intitulado “Sobre a Linguagem da gíria em Portugal”, no qual enaltecia os méritos da obra prefaciada e o seu valor para os propósitos da filologia moderna:

O trabalho do sr. Alberto Bessa vem ampliar quanto possível o Dicionario da gíria portugueza, pela compilação dos elementos oraes que tem constatemente coligido. Sómente sobre um vasto catalogo é que se podem aplicar com segurança os processos de comparação histórica e filológica (BRAGA, 1901, p. XXX).

A despeito da resenha histórica de Teófilo Braga (1901, p. VII-XXXI) acerca das acepções da palavra gíria até ao século XIX, Bessa não esclarece, por sua vez, o “seu” conceito de gíria e de calão, nem tampouco informa o leitor sobre a técnica lexicográfica adotada na elaboração do dicionário. Apresenta, contudo, uma “explicação das abreviaturas” que correspondem a 25 “marcas de uso” (uma para cada grupo social e respetiva gíria), entre elas a marca: “Braz. Brasileiro, calão recolhido, em grande parte, no folheto ‘A gíria Brasileira, por J. F.’ (Bahia, 1899)”. Estas iniciais devem ser, na verdade, um erro de leitura, já que a obra, cujo título completo é “A gíria brasileira: collecção de annexins, adagios, rifões e locuções populares por J. T.” (Bahia: Diario da Bahia, 1899), foi escrita por José Nepomuceno Torres (Salvador, 1855 - Salvador, 1913). Bessa refere-se a ela como um simples “folheto”, denominação pouco adequada para uma obra extensa (234 páginas). Por outro lado, Bessa nada diante quanto aos critérios que, a partir da obra de Nepomuceno Torres, presidiram à seleção das 265 unidades “brasileiras” incluídas no dicionário.

As marcas lexicográficas usadas por este autor correspondem aos seguintes grupos sociais e suas atividades: *Acad. Academico ou calão das escolas*; *Ald. Aldeão* ou “calão das aldeais; *Canon.*

*Canonico ou gíria de padres; Com. Calão comercial; Eleit. – Eleitoral gíria de galopins<sup>13</sup>; Fad. Fadista ou calão do Bairro Alto, Alfama e Mouraria; Fam. Familiar ou gíria domestica; Gat. Gatunos ou calão de criminosos; Inf. Infantil ou gíria de crianças; Jog. Jogador ou calão de batoteiros; Jorn. Jornalístico ou calão da imprensa; Jud. Judicial ou calão dos tribunais; Mar. Marítimo ou gíria de marinheiro; Milit. Militar, ou calão de soldado; Taur. Tauromachico ou calão de toureiro; Theat. Theatral ou gíria de bastidores, Velocyp. Velocipedico ou gíria de cyclista. Acrescem-se ainda: Desc. Termos cuja veracidade não pude constatar por mim próprio; Ant. Antigo ou cahido em desuso; Equit. Equitação ou hippico; Parl. Parlamentar; Pop. Popular ou vulgarissimo; Prof. Profissional; Typ. Typographo.*

Não obstante mencionar o “calão” e a “gíria”, a marca “Braz. Brasileiro” nada esclarece, por si só, a respeito dos grupos sociais ou profissionais visados, pelo que, dado o objetivo do dicionário de Bessa, aquela marca parece traçar sobretudo um diferencial entre a gíria portuguesa e a brasileira, destrição que é sublinhada por meio de um jogo de equivalências semânticas (cf. 2.3.).

## 2 A marca de uso “braz. brasileiro”

No dicionário de Alberto Bessa são 365 as entradas – lexicais ou fraseológicas – portadoras da marca “Braz. Brasileiro”. Com efeito, o *corpus* inclui não só substantivos, adjetivos, verbos mas também unidades que cabem na “fraseologia”<sup>14</sup>, termo que, tomado aqui em sentido amplo, compreende unidades complexas de diversas categorias formais, estruturais (estruturas sintáticas) e semânticas, abrangendo locuções (verbais e prepositivas, por exemplo), colocações<sup>15</sup> e enunciados fraseológicos (parémias ou provérbios<sup>16</sup>). No que diz respeito à microestrutura, importa de salientar que os verbetes

---

<sup>13</sup> Segundo Houaiss (2001), “galopim” tem duas acepções que coincidem com a marcação lexicográfica de Bessa: 1. “indivíduo maroto, travesso, brincalhão”; 2. “m.q. *galopim eleitoral*”.

<sup>14</sup> Não sendo objetivo deste trabalho discutir o conceito de “fraseologia”, como disciplina afim das ciências do léxico, nem tampouco as diferentes perspectivas teóricas em torno das “unidades fraseológicas”, “fraseologismos” ou “frasemas”, remetemos apenas para a referência, já consagrada, de Corpas Pastor (1996).

<sup>15</sup> É a designação de certas combinações de palavras de classes distintas.

<sup>16</sup> Na obra de Bessa, este tipo é pouco abundante.

contemplam os seguintes elementos: entrada destacada em negrito, seguida da marca de uso (entre parênteses e itálico), e da definição ou unidades lexicais equivalentes, separados uns dos outros por ponto e vírgula. Casos há em que, numa mesma entrada, o autor oferece duas marcas de uso, conforme se observa em “**Manja** (*pop.*) Comida. (*braz.*) – Brincadeira infantil”

Os exemplos abaixo servem de ilustração tanto dos diferentes tipos de entrada (simples, complexa, fraseológica) como da organização e extensão da microestrutura:

- (1) **Chumbinho** (*braz.*) – Moéda de nickel.
- (2) **Chumbinho amarello** (*braz.*) – A libra esterlina.
- (3) **Comer aráras** (*braz.*) – Ser vítima de qualquer logro; deixar-se iludir.
- (4) **Marombado** (*braz.*) – Fica indeciso, sem saber que fazer ou que dizer.
- (5) **Cova de caco** (*braz.*) – Cova de ladrões.
- (6) **Gente por bôrra** (*braz.*) – Em grande quantidade.
- (7) **Légua de beijo** (*braz.*) – Mal medida; menos de légua.
- (8) **Mijar na escova** (*braz.*) – Faltar á palavra dada; roer a córda.
- (9) **Sentir as dores antes do parto** (*braz.*) – Pessoa timorata; assustadiça.
- (10) **Querer cobrir o sol com uma peneira** (*braz.*) – Pretender esconder o que toda a gente conhece<sup>17</sup>.
- (11) **Enquanto Braz é thesoureiro** (*braz.*) – O mesmo que enquanto é tempo ou ocasião propícia.
- (12) **Olho no padre, olho na missa** (*braz.*) – Prestar atenção a tudo; não deixar escapar nada<sup>18</sup>.

Algumas das entradas assinaladas com “Braz. brasileiro” não são, em bom rigor, do âmbito da gíria, antes se tratando de brasileirismos<sup>19</sup> comuns, vale dizer, palavras do léxico brasileiro cuja

---

<sup>17</sup> A expressão não é propriamente brasileira, pois ainda hoje se encontra na fraseologia portuguesa, com um verbo distinto, porém, equivalente: “Querer tapar o sol a peneira”.

<sup>18</sup> Na verdade, esta expressão tem as características formais, semânticas de um provérbio (CORPAS PASTOR, 1996, p. 147-169).

<sup>19</sup> Também prescindimos da discussão em torno conceito de brasileirismo. Tomamo-lo como denominação de palavra própria do Português falado no Brasil, tendo origem indígena, africana ou, ainda, de portuguesa, e que no Brasil, por um processo de

circulação não se restringe a um grupo social determinado ou a uma atividade específica, consoante exemplificam as duas seguintes, uma de origem africana, a outra de origem tupi:

(13) **Moqueca** (*braz.*) – Guisado de peixe<sup>20</sup>.

(14) **Xará** (*braz.*) – Homonymo; pessoa que tem o mesmo nome<sup>21</sup>.

Com efeito, o *corpus* inclui vários brasileirismos de origem indígena e africana, os quais, embora fossem próprios de um registo informal (HOUAISS, 2001), em 1901 não seriam exclusivos de um grupo social específico, nem teriam propriamente uma conotação negativa. São de origem indígena os seguintes:

(15) **Pereba** (*braz.*) – Erupção herpética a que vulgarmente se dá o nome de sarna<sup>22</sup>.

(16) **Pirocar** (*braz.*) – Esfolar; descascar<sup>23</sup>.

Têm origem africana, por sua vez, os indicados abaixo:

(17) **Gangana** (*braz.*) – Mulher de idade propecta<sup>24</sup>.

(18) **Quitandê** (*braz.*) – Feijão verde<sup>25</sup>.

---

“ressemantização”, passou a designar objetos ou realidades da natureza ou cultura locais.

<sup>20</sup> Em Houaiss (2001), este brasileirismo tem 1836 como 1ª atestação, coincidindo a definição deste dicionário com a de Bessa.

<sup>21</sup> Segundo Houaiss (2001), que atesta a palavra em 1899, denomina a “pessoa com nome de batismo idêntico ao de outra; xarapim, tocaio”.

<sup>22</sup> Com atestação em 1749, Houaiss (2001), situando a palavra no registo informal, define-a como “m.q. *sarna*”.

<sup>23</sup> Baseado em Nascentes, o dicionário Houaiss (2001), no qual a 1ª atestação da palavra é de 1899, indica como étimo “piroca”, do tupi *pi'roka* 'calvo, pelado'. Neste como em outros casos, 1899 é data da publicação do Dicionário de Cândido de Figueiredo que, curiosamente, é a fonte lexicográfica de Houaiss para inúmeros brasileirismos, não obstante estarem já atestados em textos históricos do século XVI (GONÇALVES & MURAKAWA, 2012).

<sup>24</sup> Esta palavra tem origem no quimbundo “*ngana* 'senhora’”, significa “mulher idosa” e, de acordo com Houaiss (2001) está atestada em 1877.

<sup>25</sup> Atestada em 1899 (HOUAISS, 2001), a palavra é originária do quimbundo “*kitande* 'feijão descascado e cozido’” e tanto no Brasil como em Angola denomina um “feijão verde miúdo, sem casca, que se usa para fazer sopa e outros pratos”. Já constava do rol de brasileiros de Beaurepaire-Rohan (1889, p. 122) e de (SOARES, 1955, p. 120).

- (19) **Mazanza** (*braz.*) – Indolente; desequilibrado; matuto<sup>26</sup>.  
(20) **Mazombo** (*braz.*) – Sorumbático; triste; concentrado<sup>27</sup>.  
(21) **Xingar** (*braz.*) – Fazer zombaria; o mesmo que o nosso troçar<sup>28</sup>.

Além dos brasileirismos de origem indígena e africana, existem muitos outros cuja etimologia é ainda, à luz da lexicografia atual, “obscura”, situação que corresponde aos seguintes exemplos:

- (22) **Rochina** (*braz.*) – Farinha<sup>29</sup>.  
(23) **Pileque** (*braz.*) – Embriaguez leve; *alegróte*<sup>30</sup>.

Por outro lado, alguns dos brasileirismos assinalados por Bessa são-no por terem adquirido no Brasil um significado próprio, associados a derivados sufixais (aumentativos ou diminutivos) de uma palavra portuguesa (cf. quadro 1), à “composição” lexical (quadro 2) ou a certas combinações sintagmáticas (cf. quadro 3).

#### **Quadro 1** – Brasileirismos – unidades derivadas

**Bichaço** (*braz.*) – Homem de grande importância; o mesmo que o nosso *trunfo*<sup>31</sup>.

**Bicheiro** (*braz.*) – Jogador da chamada loteria dos bichos<sup>32</sup>.

---

<sup>26</sup> Com datação de 1899, Houaiss (2001) atribui-lhe origem no quimbundo “*zonza* andar devagar, ser moleirão” e várias acepções: “1. diz-se de ou pessoa preguiçosa, mole, dada à indolência; 2 que ou quem é tonto, simplório; tolo, parvo, pateta; 3. que ou o que tem falta de jeito, de destreza; desajeitado, desastrado”.

<sup>27</sup> Como designação do “filho de pais estrangeiros, sobretudo de portugueses, que nasce no Brasil”, a palavra está atestada pelo menos desde 1716 e, segundo Houaiss (2001), tem também uma acepção que coincide com a de Alberto Bessa: “diz-se de ou indivíduo sorumbático, taciturno, mal-humorado”.

<sup>28</sup> Segundo Houaiss (2001), é palavra oriunda do quimbundo “*xinga* 'insultar, ofender, blasfemar’”, tem atestação no século XVII e significa “agredir por meio de palavras insultuosas, injuriosas; ofender, descompor, destratar, afrontar”.

<sup>29</sup> Em Houaiss (2001), que coloca a 1ª atestação em 1899, é a designação de uma “variedade de mandioca”.

<sup>30</sup> Denominação do “estado de bêbedo; bebedeira”, com atestação em 1899 (HOUAISS, 2001). Consta da nomenclatura de Beaurepaire-Rohan (1889, p. 112) como equivalente de “camoeça, ligeira embriaguez”.

<sup>31</sup> Não consta da nomenclatura de Houaiss (2001).

<sup>32</sup> Com atestação em 1913, segundo Houaiss (2001) é o “banqueiro de jogo do bicho ou preposto seu que recebe as apostas”.

**Filhote** (*braz.*) – Inexperiente; novo no officio<sup>33</sup>.

**Fogueteiro** (*braz.*) – O que pratica acções deshonestas<sup>34</sup>.

**Ladrãozinho** (*braz.*) – Menino bonito; rapaz elegante; provocador<sup>35</sup>.

**Sanfonada** (*braz.*) – Cantiga sem tom nem som; coisa mal feita<sup>36</sup>.

**Treiteiro** (*braz.*) – Trapaceiro; mentiroso (talvez do treteiro?).

**Quadro 2** – Brasileirismos: unidades compostas ou complexas

**Áz de cópas** (*braz.*) – O annus. (É termos largamente usado em todo o paiz e no Brazil).

**Baba-de-moça** (*braz.*) – Dôce de coco

**Bate-bôcca** (*braz.*) – Descompostura; disputa; troca de palavras ásperas; ralhos, etc.<sup>37</sup>.

**Bóde de bicheira** (*braz.*) – Pessoa preguiçosa; que anda sempre a encostar-se; mólle; indolente

**Cara-dura** (*braz.*) – Physionomia sem expressão; typo anthipatico<sup>38</sup>.

**Casa de purgar** (*braz.*) – Barriga.

**Gaveta de sapateiro** (*braz.*) – Diz-se de qualquer movel que se encontra em desalinho; mal arrumada.

**Mel de coruja** (*braz.*) – Logro; engano; ludibrio.

**Pão de milho** (*braz.*) – Cincoenta espigas.

**Pão com rosca** (*braz.*) – Marido e mulher.

**Pé de moleque** (*braz.*) – Bôlo de farinha de mandioca<sup>39</sup>.

**Piolho-de-cobra** (*braz.*) – Discurso ou conversa interminável.

**Roupa de Bechior** (*braz.*) – Velha, usada.

<sup>33</sup> A palavra já se regista em 1713, mas sem a acepção apontada por Bessa.

<sup>34</sup> Em Houaiss (2001) figura como denominação do registo informal para quem é “contador de vantagens”.

<sup>35</sup> Não registado em Houaiss (2001).

<sup>36</sup> Em Houaiss (2001) não figura esta acepção.

<sup>37</sup> Em Houaiss (2001), a 1ª atestação é de 1913, significando: “discussão agressiva, troca de palavras ásperas; bate-barba, dize-tu-direi-eu”.

<sup>38</sup> Com datação de 1913 e uma conotação pejorativa (HOUAISS, 2001), este brasileirismo denomina “quem não tem escrúpulos ou timidez; atirado, cara-de-pau, cara-lisa, cara-seca”. Com idêntico significado consta de Macedo Soares (1955, p. 110).

<sup>39</sup> Com datação de 1899, em Houaiss (2001) designa um “bolo feito de mandioca, fubá, coco e açúcar”. Em Macedo Soares (1955, p. 77), o nome de um “dôce feito de amendoim torrado e melado. Rb. Bôlo de mandioca mole, ovos, leite de côco, castanhas pisadas, erva-doce e outras especiarias, que é características das festas de São João. BR dá como peculiar a Pernamb. E Alagoas [...]”.

**Toma-larguras** (*braz.*) – Sicario; espião e ainda adulator<sup>40</sup>.

**Umbigo de freira** (*braz.*) – Biscoito especial para chá.

## 2.1 Principais campos semânticos

Quer se trate de verdadeira gíria, quer simplesmente de léxico e fraseologia de cariz familiar, informal ou coloquial, quer, ainda de expressões do calão, a “linguagem popular” dicionarizada por Alberto Bessa é extremamente rica, nela avultando, tanto pela quantidade como pela variedade, palavras e expressões pertencentes, entre muitos outros, aos seguintes campos semânticos: a mentiar/mentir e o engano/enganar (quadro 3); a bebida e o estado de embriaguez (quadro 4); a comida e o ato de comer (quadro 5); a mulher e sua caracterização (quadro 6); o homem e sua caracterização (quadro 7); a desordem, o motim (quadro 8).

**Quadro 3** – Denominações para engano/enganar e logro/ser enganado

**Cômer araras** (*braz.*) – Ser vítima de qualquer logro; deixar-se iludir.

**Comer bola** (*braz.*) – Deixar-se iludir por alguém.

**Engambellar** (*braz.*) – Iludir; ridicularizar.

**Engarapar** (*braz.*) – O mesmo que seduzir; iludir.

**Fazer do ceu cebola** (*braz.*) – Enganar grosseiramente (O nosso *gato por lebre*).

**Pegar na isca** (*braz.*) – Cair no logro; deixar-se iludir.

**Quadro 4** – Denominações para comida e o ato de comer

**Pipinar** (*braz.*) – Debicar: comer aos bocadinhos

**Manjuba** (*braz.*) – comida

**Paçoca** (*braz.*) – Guisado de carne, farinha e torresmos<sup>41</sup>.

**Pixé** (*braz.*) – Comida esturrada; cheiro exquisito e desagradável<sup>42</sup>.

**Quenga** (*braz.*) – Guizado<sup>43</sup>.

---

<sup>40</sup> Com as marcas de “brasileirismo”, “jocoso” e “diacronismo”, em Houaiss (2001) tem 1877 como datação e denomin um “criado do paço; talaveira”.

<sup>41</sup> De origem tupi, segundo Houaiss (2001), este termo de culinária tem registo em 1873 e designa a “carne assada, desfiada, pilada e socada com farinha de mandioca ou de milho”.

<sup>42</sup> Macedo Soares (1950, p. 98) assinala que “pixé” “É voc. comum aos diversos dialetos da língua tupi, e era particularmente consagrado ao cheiro de peixe assado”. De acordo com este lexicógrafo, em geral, “pixé” designa “maus cheiros”.

**Quadro 5** – Denominações para a bebida, o estado de embriaguez e o ato de beber

**Apontar o dia** (*braz.*) – Beber em jejum. (O mesmo que o nosso *mata-bicho*)<sup>44</sup>.

**Brilhatura** (*braz.*) – Bebedeira.

**Brocha** (*braz.*) – Bebedeira.

**Caixa d’agua** (*braz.*) – Bêbado; embriagado habitualmente.

**Chuva** (*braz.*) – Embriaguez.

**Dôce** (*braz.*) – Ebrio; embriagado

**Encachaçar-se** (*braz.*) – Embriagar-se com cachaça.

**Estar na chuva** (*braz.*) Embriagado; ébrio.

**Giribita** (*braz.*) – Aguardente

**Montado na ema** (*braz.*) – Ebrio; embriagado.

**Mamarrote** (*braz.*) – Bom bebedor; que anda sempre a beber<sup>45</sup>.

**Mandureba** (*braz.*) – aguardente de canna.

**Mordido** (*braz.*) – Ebrio; bêbedo.

**Patricia** (*braz.*) – Aguardente de cana.

**Pileque** (*braz.*) – Embriaguez leve; *alegróte*.

**Pórrio** (*braz.*) – Bebida especial servida em copo<sup>46</sup>.

**Prégo** (*braz.*) – Casa de empréstimos sobre penhores. (*Braz.*) – Mistura de bebidas alcoolicas.

**Tomar um prego** (*braz.*) – Beber um cálix de aguardente

**Quebrar a munheca** (*braz.*) – Beber até se embriagar.

**Resaca** (*braz.*) – Bebedeira; embriaguez.

**Tomar um prego** (*braz.*) – Beber um cálix de aguardente.

**Tomar uma abrideira** (*braz.*) – Bebida antes de comer.

**Triscando e lambendo** (*braz.*) – Embriagado.

---

<sup>43</sup> Para Houaiss (2001), que atesta a palavra em 1899, é regionalismo baiano da culinária que designa a “galinha cozida com quiabo”. Parece ter origem no quimbundo “*kienga 'tacho*”.

<sup>44</sup> Como 1ª acepção de “mata-bicho”, Houaiss (2001) oferece a indicada por Bessa, porém sem marca de brasileirismo; a 2ª acepção, marcada como brasileira, corresponde a “dose de bebida alcoólica, esp. aquela tomada em jejum; aguardente de cana; cachaça”.

<sup>45</sup> Em Houaiss (2001) está atestado em 1845, sendo equivalente de “mamador”, i.e. “bebedor”.

<sup>46</sup> Com o significado de “bebado”, “purrio” aparece em Bluteau (1713, p. 75) como unidade pertencente à gíria.

**Vinagreira** (*braz.*) – Embriaguez.

**Quadro 6** – A mulher e sua caracterização

**Capôna** (*braz.*) – Beata.

**Cuca** (*braz.*) – Mulher velha; coisa repelente; feia<sup>47</sup>.

**Faceira** (*braz.*) – Mulher presumida; vaidosa; enfatuada<sup>48</sup>.

**Da pá virada** (*braz.*) – Mulher perigosa e insolente; virago<sup>49</sup>.

**Gangana** (*braz.*) – Mulher de idade provectora.

**Muruxaba** (*braz.*) – Mulata prostituta<sup>50</sup>.

**Quadro 7** – O homem e sua caracterização

**Binga** (*braz.*) – Chifre; homem casado a quem a esposa atraiçoa.

**Caipóra** (*braz.*) – Homem infeliz; sem sorte; desastrado.

**Cuba** (*braz.*) – Influyente politico; homem de importância<sup>51</sup>

**Homem atôa** (*braz.*) – Sem valimento; sem importância; nullo.

**Homem de pé rapado** (*braz.*) – Rustico; ignorante.

**Homem dos pés queimados** (*braz.*) – O que nada pôde fazer; que nada vale; que nada tem.

**Homem tarujo** (*braz.*) – De importância; e valimento.

**Monarca** (*braz.*) – Camponez; homem rude; pacóvio<sup>52</sup>.

**Parrudo** (*braz.*) – Homem de baixa estatura<sup>53</sup>.

**Pé de boi** (*braz.*) – Homem ajuisado; prudente; serio e grave<sup>54</sup>.

<sup>47</sup> Em Houaiss (2001), esta palavra tem atestação em 1899. Recebe marca de regionalismo do Nordeste brasileiro com o significado de “mulher feia e velha”.

<sup>48</sup> Esta unidade já consta da nomenclatura de Bluteau (1713).

<sup>49</sup> A expressão consta de Houaiss (2001) para referir, no uso informal, alguém “que é buliçoso, brincalhão ou desordeiro, turbulento ou licencioso, debochado”.

<sup>50</sup> De acordo com Houaiss (2001) equivale a “murixaba”, palavra que, por sua vez, é marcada como regionalismo nordestino para denominar a “mulher com quem se tem um relacionamento extraconjugal mais ou menos estável; amante”, a “meretriz”.

<sup>51</sup> Segundo Houaiss (2001), que não apresenta datação, é um regionalismo pernambucano para “indivíduo influente, poderoso; cuebas, mancueba”.

<sup>52</sup> Figura, em Houaiss (2001), como regionalismo baiano para “pessoa conservadora”; como brasileirismo do registo informal também significa “antiquado, antigo (diz-se de hábitos ou costumes)”.

<sup>53</sup> Tem atestação em 1813 (HOUAISS, 2001), designando o que é “rasteiro como as parras, “homem baixo e atarracado”.

<sup>54</sup> Em Macedo Soares (1955, p. 77) está definido como “Homem simples e honrado; homem de bem, de antes quebrar que torcer, firme nos seus princípios e nos seus tratos, homem de palavra. HOMON.: port. aferrado aos costumes antigos, inimigo de modas e inovações; burguês. Aul. **Pé-de-cabra.** o brasileiro; **pé-de-chumbo.** o

**Retacado** (*braz.*) – Homem baixo e gordo<sup>55</sup>.

**Socado** (*braz.*) – Bem provido de carnes. Homem alentado.

**Toupeira** (*braz.*) – Homem estúpido.

**Urco** (*braz.*) – Homem alto; comprido e esguio<sup>56</sup>.

**Quadro 8** – A desordem, o motim

**Bérebére** (*braz.*) – Tumulto; o mesmo que a nossa *bernarda*<sup>57</sup>.

**Haja** (*braz.*) Tumulto ou desordem em que entra em scena o pau.

**Ribombo** (*braz.*) – Pancadaria; desordem.

**Rolo** (*braz.*) – Tumulto; desordem.

**Fazer rôlo** (*braz.*) – Armar desordem.

**Pocêma** (*braz.*) - Barulheira; algazarra; motim<sup>58</sup>.

## 2.2 Unidades ou expressões fraseológicas

No *corpus* extraído do dicionário de Alberto Bessa avultam as unidades fraseológicas, não só pelo seu elevado número mas também pela sua variedade, ainda que as mais abundantes sejam as expressões verbais, das quais vale a pena destacar as que incluem o verbo “andar” (cf. abaixo).

**Quadro 8** – Expressões ou locuções verbais

**Andar com a sélla na barriga** (*braz.*) – Passar fome; sentir necessidades.

**Andar com o bode amarrado pelo rabo** (*braz.*) – Enfezado; rachitico; desfalecido<sup>59</sup>.

---

português”. Com a marca de registo informal, em Houaiss (2001), porém, figura como “pessoa apegada aos antigos costumes, avessa a inovações”.

<sup>55</sup> Com datação de 1899, em Houaiss (2001) recebe marca de regionalismo de Goiás, equivalente de “retaco”.

<sup>56</sup> Em Houaiss (2001), figura como regionalismo do Rio Grande do Sul, para “grande e belo (diz-se de cavalo)” e, por extensão, mas com sentido pejorativo, “bem nutrido, gordo”.

<sup>57</sup> Conforme definição de Houaiss (2001), foi um “movimento revolucionário ocorrido em Braga (Portugal) em 1862” e, por extensão, “insurreição popular; motim, desordem”. Tem atestação em 1871.

<sup>58</sup> Com origem no “tupi “*po'sema* 'grito indígena', segundo AGC e conforme Nascentes, 'mão saindo'”, em Houaiss (2001) recebe 1659 como datação.

**Andar de teiró** (*braz.*) O mesmo que *andar de rixa*.

**Andar na brócha** (*braz.*) – Ébrio.

**Andar na éma** (*braz.*) – Ébrio<sup>60</sup>.

**Andar na pindaíba** (*braz.*) – Sem dez reis; sem recursos<sup>61</sup>.

**Andar na quebradeira** (*braz.*) – A passeiar; na vadiagem; sem ter que fazer. (O mesmo que o nosso *andar de costas direitas*).

**Andar na ressaca** (*braz.*) – Embriagado; aturdido; sem ter conhecimento do que faz.

**Andar no cavallo dos frades** (*braz.*) – A pé.

**Andar no ganço** (*braz.*) – Ébrio<sup>62</sup>.

**Andar n’um cortado** (*braz.*) – Mettido em trabalhos; a braços com dificuldades.

**Andar trincádo** (*braz.*) – Indisposto com alguém; amuado.

Também se registam locuções brasileiras com os verbos fazer, ter e tomar, conforme ilustram as seguintes: **Fazer discurso aos peixes** (*braz.*) – Vomitar; **Fazer pratinho** (*braz.*) – Divertir-se á custa alheia<sup>63</sup>; **Fazer rôlo** (*braz.*) – Armar desordem; **Fazer vispora** (*braz.*)

---

<sup>59</sup> Também no uso informal, esta expressão tem como variante abreviada “amarrar o bode” que significa “ficar sério; ficar de cara amarrada      ficar irritado, mal-humorado” (HOUAISS, 2001).

<sup>60</sup> Com o mesmo significado, Houaiss (2001) regista esta locução como regionalismo do Norte e Nordeste do Brasil.

<sup>61</sup> Com este mesmo significado, a expressão foi registada por Beurepaire-Rohan (1889, p. 112). Como nome de uma fruta ou de um animal, “pindaíba” atesta-se em 1585; porém, consoante informa Houaiss (2001), não existe consenso quanto à origem da expressão “andar na pindaíba”: “(...) segundo Nascentes, ela refere-se à necessidade de pescar para comer; Teodoro Sampaio diz que é alusão à má fortuna de quem se vê reduzido à vara do anzol para viver; para Silveira Bueno “o nosso indígena dependia da vara de pescar para o seu sustento e quando tal instrumento não servia, não apanhava peixes, considerava-se o índio na miséria, na falta do seu meio principal de sustento”; há ainda quem considere possível a relação com o fato de o fruto dessas plantas ter pouca polpa e/ou de o ouriço-do-mar ter pouca carne; Nei Lopes prefere partir do quimb. *mbinda* 'miséria' + *uaíba* 'feia' > *mbindaíba* > *pindaíba*; adp. ao port. [...]”.

<sup>62</sup> Segundo Houaiss (2001), no uso informal, “ganço” significa “bebedeira, carraspana”.

<sup>63</sup> Com este mesmo significado, a expressão consta do rol de Câmara (1848, p. 157): “Fazer *pratinho* d’alguem (Escarnecê-lo, divertir-se á custa d’elle em sociedade, ridicularisa-lo).

– Fugir<sup>64</sup>; **Ter baratas no papo** (*braz.*) – Vontade de falar; **Tomar maca** (*braz.*) – Apanhar uma sova valente.

Do ponto de vista semântico, a maioria das unidades fraseológicas inscreve-se em campos como os relativos à malandrice, à esperteza, ao engano, à mentira, ao insulto, à perseguição, à fuga, ao jogo e à morte, âmbitos representados no quadro abaixo.

#### **Quadro 9** – Outras locuções verbais

**Abrir o chambre** (*braz.*) – Largar a correr.

**Apanhar a tabóca** (*braz.*) – Sofrer uma decepção, um contratempo.

**Assar na ponta do dêdo** (*braz.*) – Agilidade; intrepidez.

**Cacarejar e não pôr ovo** (*braz.*) – Prometter e não cumprir

**Ceiar com Christo** (*braz.*) – Morrer

**Chamar a Deos compadre** (*braz.*) – Jactar-se d’aquillo que assim não é.

**Dar as tintas** (*braz.*) – Pagar a despeza de uma pandega.

**Descosêr as orelhas** (*braz.*) – Dizer a alguém coisas desagradáveis.

**Levar camarço** (*braz.*) – Perder ao jogo.

**Levar taboca** (*braz.*) – Ficar logrado<sup>65</sup>.

**Meter a mão na lata** (*braz.*) – Esbofetear; ir á cara a alguém.

**Morrer na casca** (*braz.*) – Abortar

**Pagar o Filippe** (*braz.*) – Perder uma aposta.

**Passar sem muda** (*braz.*) – Diz-se do individuo que anda sempre com o mesmo fato.

**Passar alguém ao chão** (*braz.*) – Atirar alguém ao chão.

**Por a bocca no mundo** (*braz.*) – Mentir; calumniar.

**Quebrar a botica** (*braz.*) – Destruir qualquer coisa.

**Roer os ossos** (*braz.*) – Ficar sem o lucro de qualquer trabalho.

**Saber onde aperta o sapato** (*braz.*) – Compreender a causa de qualquer efeito.

**Sahir a pórca mal capada** (*braz.*) – Enganar-se nos cálculos; contar com uma coisa e suceder outra.

**Tabaquear o caso** (*braz.*) – Divertir-se á custa de alguém que está

**Vender bulas falsas** (*braz.*) – Dizer mentiras.

---

<sup>64</sup> “Vispora” é brasileirismo da gíria do jogo e significa o mesmo que “loto” (HOUAISS, 1899). Segundo Houaiss, está atestado em 1899.

<sup>65</sup> “Taboca” e “levar taboca” figuram em Beaurepaire-Rohan (1889, p. 133) com o significado apontado pelo português Alberto Bessa.

## 2.3 Correspondência entre expressões brasileiras e portuguesas

No dicionário de Alberto Bessa são de realçar, igualmente, as remissões de unidades e expressões brasileiras para as correspondentes portuguesas, o que demonstra, mais uma vez, a enorme riqueza da informação compilado pelo jornalista português e a utilidade desta para o conhecimento tanto do léxico como da fraseologia de um lado e de outro do Atlântico. A equivalência faz-se, em geral, mediante a expressão “o mesmo que a nossa”, consoante fica exemplificado no quadro a seguir.

### Quadro 10 – Equivalências entre PB e PE

**Chapetonada** (*braz.*) – Asneira; graçola; o mesmo que a nossa *bernardice*<sup>66</sup>.

**Fazer do ceu cebola** (*braz.*) – Enganar grosseiramente (O nosso *gato por lebre*).

**Andar na quebradeira** (*braz.*) – A passeiar; na vadiagem; sem ter que fazer. (O mesmo que o nosso *andar de costas direitas*).

**Apontar o dia** (*braz.*) – Beber em jejum. O mesmo que o nosso *mata-bicho*).

**Bichaço** (*braz.*) – Homem de grande importância; o mesmo que o nosso *trunfo*<sup>67</sup>.

**Samba** (*braz.*) – Baile ordinário; bailarico; o nosso *salsifré*<sup>68</sup>.

**Mitrado** (*braz.*) – Astucioso; esperto; inteligente; fino. (o mesmo que o nosso *matreiro*).

**Pinga-fôgo** (*braz.*) – Homem de mau genio. (o nosso *espirra canivetes*)<sup>69</sup>.

---

<sup>66</sup> Assinalado como regionalismo do Rio Grande do Sul, em Houaiss (2001) tem atestação em 1899, e designa o “ato, dito ou comportamento próprio de chapetão; tolice, asneira”, e, ainda, o “erro, engano”. Macedo Soares (1955, p. 125), que também a define como “engano”, acrescenta a expressão “pagar chapetonada”, i.e. “sair de modo contrário ao que se esperava”.

<sup>67</sup> Palavra da gíria do jogo, “trunfo” é a carta de um naipe e, em sentido figurado, uma “pessoa influente na sociedade, na política” (HOUAISS, 2001).

<sup>68</sup> Num registo informal, “Salsifré” é o nome de um “baile popular; bailarico” (HOUAISS, 2001). Em Houaiss, 1899 é a datação desta unidade.

<sup>69</sup> Sem datação, em Houaiss (2001) “pinga-fogo” denomina “que ou aquele que provoca confusões ou brigas; provocador, valentão”. Com atestação em 1727, “espirra-canivetes” designa um “indivíduo nervoso, irritadiço, estourado”.

**Tabaré** (*braz.*) – O mesmo que o nosso *palonso*; sertanejo<sup>70</sup>.

**Urubú** (*braz.*) – Homem que acompanha os enterros, conduzindo uma tocha ou brandão; o mesmo que o nosso *gato pingado*<sup>71</sup>.

**Xingar** (*braz.*) – Fazer zombaria; o mesmo que o nosso troçar.

## Conclusão

O *corpus* extraído de “A gíria português. Esbôço de um dicionário de ‘calão’” (1901) pôs de manifesto toda a riqueza lexical e fraseológica da obra de Alberto Bessa, autor que, ciente do papel que este género de palavras e expressões cumpre quer na linguagem do dia-a-dia, quer na língua literária, se dedicou a respigá-las em várias fontes e a registar as que ia ouvindo. Na impossibilidade de apresentarmos, neste artigo, as 365 unidades coligidas no dicionário de Bessa, seleccionámos uma amostra dessas unidades para permitisse ilustrar os aspetos estruturais e semânticos mais relevantes ou curiosos da obra em apreço.

Tal como julgamos ter demonstrado com os exemplos seleccionados para este trabalho, o acervo de Bessa traduz, por um lado, a criatividade do léxico e da fraseologia brasileira e, por outro, as diferenças que, nesses âmbitos como em outros, evidentemente já em 1901 distinguiam o Português Brasileiro do Português Europeu. Ficou também demonstrado que nem tudo quanto Bessa assinalou como “brasileiro”, certamente estribado em fontes que assim o indicavam, de facto era “brasileirismo”, já que algumas unidades e expressões portadoras da marca “Braz. Brasileiro, na verdade eram partilhadas (e algumas o são até hoje) pelas duas variedades nacionais do Português. Por último, mas nem por isso menos importante, realçamos o facto de este trabalhado ter posto em evidência as limitações da lexicografia contemporânea, em termos de cronologia lexical e fraseológica, dado que, para muitas unidades da amostra, o dicionário Houaiss (2001) oferece datações desajustadas da realidade histórica do léxico e da

---

<sup>70</sup> Com datação de 1711, em Houaiss (2001), esta palavra de origem tupi designa, num sentido pejorativo, o “soldado inexperiente, ingénuo”, e por extensão, “qualquer pessoa acanhada” ou, ainda, o “caipira”, acepção que Houaiss situa em 1899.

<sup>71</sup> Segundo Houaiss (2001), num registo informal e com sentido pejorativo, é regionalismo do Maranhão, que provém do tupi. Usado na linguagem informal, “gato-pingado” não apresenta marca de brasileirismo em Houaiss.

fraseologia e, por outro lado, não contempla muitas palavras e expressões que aparecem na nomenclatura de Alberto Bessa.

Em suma, com este trabalho mostrámos que obras como a do jornalista português são um relevante alfofre dos estudos lexicológicos e fraseológicos (se não da própria história da língua), pondo de manifesto a importância e grande utilidade do seu estudo à luz das atuais ciências do léxico.

## Referências

ARGOTE, D. Jerónimo Contador de. *Regras da Lingua Portugueza, Espelho da Latina, ou disposição para facilitar o ensino da língua Latina pelas regras da Portugueza* [...]. Lisboa Occidental: Na Officina da Musica, 1725.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde. *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.

BESSA, André. *A gíria portugueza. Esbôço de um diccionario de “calão”. Contendo uma larga copia e phrases empregadas na linguagem popular de Porugal e Brazil. Com as respectivas significações, colhidas na tradição oral e em documentos, livros e jornaes antigos e modernos, incluindo muitas palavras ainda não citadas como de “gíria” em dicionário algum* [...]. Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1901.

BLUTEAU, D. Rafael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. 8 Tomos. Tomos I, II, 1712; III, IV, 1713; V, 1716; VI, VII, 1720; VIII, 1721. Tomos I-IV, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Tomos V-VIII. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva.

BRAGA, Teófilo. Sobre a linguagem da gíria em Portugal. In: BESSA, Alberto. *A gíria portuguêsza. Esbôço de um diccionario de “calão”*. Lisboa: Livraria Central de gomes de Carvalho Editor, p. VII-XXXI.

CÂMARA, P. Perestrelo da. *Collecção de provérbios, adágios, rifãos, anexins e idiotismos da Lingua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editores Eduardo e Henrique Laemmert, 1848.

COELHO, Francisco Adolfo. *Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portuguesa*. Lisboa: P. Plantier-Editor. s.d.

COELHO, Francisco Adolfo. *Os ciganos de Portugal – Com um estudo sobre o calão*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Manuela Barros. O laínte. Breve apresentação de uma gíria. *Revista Lusitana* (Nova Série), n. 6, p. 25-52, 1985.

FERREIRA, Manuela Barros *et al.* “Variação linguística: perspectiva dialectológica”. In: FARIA, Isabel Hub *et al.* (Org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996. p. 479-502.

GONÇALVES, Maria Filomena Sobre a projecção do método histórico-comparativo na gramática elementar portuguesa: a “Grammatica Portugueza Elementar fundada sobre o methodo historico-comparativo” (1876)”. In: CASANOVA, Emili; RIGUAL, Cesáreo Calvo (Ed.). *Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y de Filología Románicas*. v. VII. Berlin/Boston: W. de Gruyter, 2013. p. 561-571.

GONÇALVES, Maria Filomena; Clotilde de Almeida Azevedo MURAKAWA. Os Tratados da Terra e Gente do Brasil do P. Fernão Cardim: contributos do missionário eborense para o Dicionário Histórico do Português do Brasil (sécs. XVI-XVIII). In: PEREIRA, S. Marques; VAZ, Francisco (Coord.). *Universidade de Évora (1559-2009). 450 Anos de modernidade educativa*. Lisboa: Chiado Editora, 2012. p. 303-321.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. *Tabus linguísticos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1956.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Instituto Houaiss da Língua Portuguesa/Editora Objetiva. CDrom.

MONTE CARMELO, Fr. Luís do. *Compendio de Orthografia* [...]. Lisboa: Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.

NASCENTES, Antenor. A gíria carioca. In: *Estudos Filológicos*: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. p. 593-598.

PRETI, Dino. *A linguagem proibida*: um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: Editora Queiroz, 1984.

PRETI, Dino. Dicionários de gíria. *Alfa – Revista de Linguística*, São Paulo, v. 44: p. 57-73, 2000. Disponível em: <<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4199/3795>>.

RIBEIRO, João. *Dicionário de frases feitas*. Estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios (com uma introdução de Joaquim Ribeiro), 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

SILVA, António de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 8. ed. revista e melhorada. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense de A. A da Silva Lobo. 2 v. s.d.

SILVA, António de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 9. ed. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense de Santos, Vieira & Commandita. v. 2. s.d.

SILVESTRE, João Paulo. Palavras tabu e eufemismos nos dicionários de Bento Pereira e Rafael Bluteau. In: FERREIRA, António Manuel (Coord.). *Percursos de Eros. Representações do erotismo*. Aveiro: Associação Labor de Estudos Portugueses, 2003, p. 223-229.

Disponível em:  
<[http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/palavras\\_tabu\\_dicionarios.pdf](http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/palavras_tabu_dicionarios.pdf)>.  
Acesso em: 10 set. 2014.

SOARES, Antônio Joaquim de Macedo. *Dicionário Brasileiro da Língua Português*. Elucidário etimológico crítico das palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos dicionários da língua portuguesa, ou neles vem com forma ou significação diferente (1875-1888). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. 1954.

TORRES, João Nepomuceno. *A Gíria Brasileira*: coleção de anexins, adágios, rifões e locuções populares. Bahia: [s.e.], 1899.

TUSÓN, Jesús. *Los prejuicios lingüísticos*. 2. ed. Barcelona: Octaedro, 2003.

VIEIRA, Fr. Domingos. *Grande Dicionario Portuguez, ou Thesouro da Lingua Portuguesa*. Porto: Editores, Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes. 4 vols. 1871-1874.

*Recebido em: 15/10/2014*

*Aceito em: 16/10/2014*